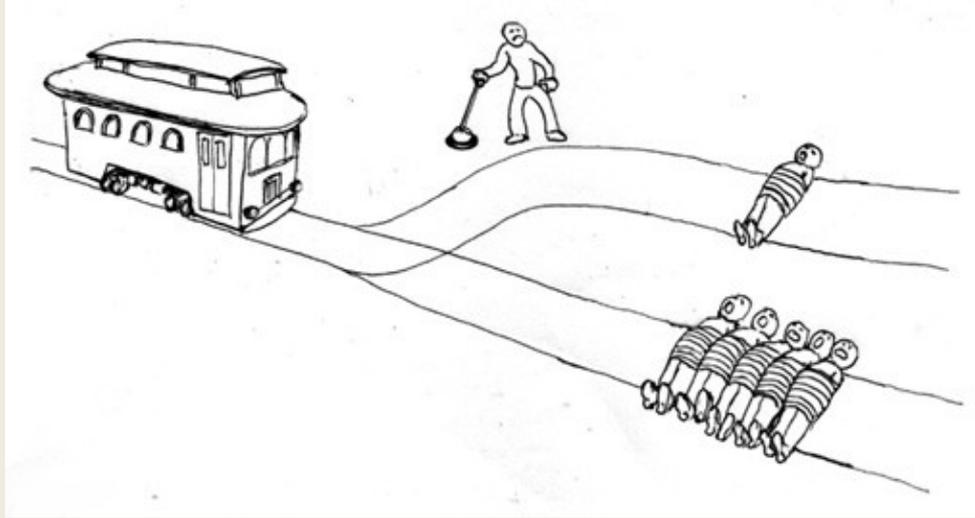


Fundamentos da moralidade







PROBLEMA:

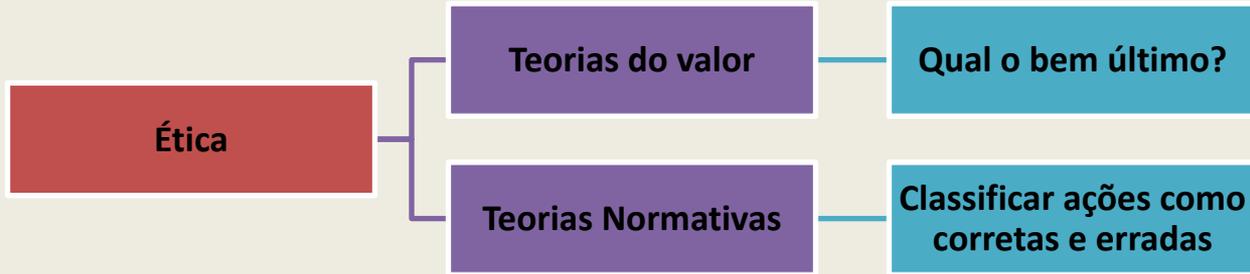
Será que as nossas intuições dão boas respostas para as nossas decisões e escolhas que envolvem o certo errado, escolhas morais?

A ética é a disciplina da filosofia que procura estas respostas

A ética procura responder a um problema de todos:

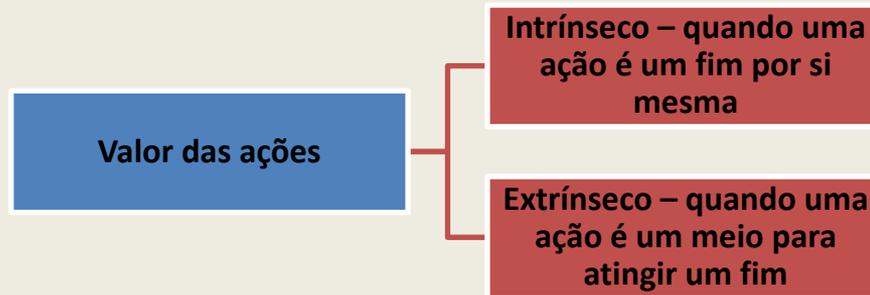
Como devemos de viver a nossa vida?

De que trata a ética?



Se conseguíssemos determinar qual o bem último, também conseguiríamos saber qual a melhor maneira de viver as nossas vidas, isto é, classificando umas ações como corretas e outras erradas.

Mas para classificar ações como certas e erradas, temos de saber que tipo de ações têm valor moral. Os filósofos têm procurado investigar o que tem valor intrínseco. O que é isto?



Por exemplo, se a felicidade possuir valor intrínseco e para alcançar temos de ter saúde, todas as ações que tendam a aumentar a nossa saúde, como praticar desporto por exemplo, apesar de possuírem valor extrínseco, são moralmente corretas uma vez que contribuem para a felicidade

E qual o estatuto moral das ações?

Ações permissíveis

Ações impermissíveis

Facultativas
(podemos ou não
fazer)

Obrigatórias
(não podemos
deixar de fazer)

De que depende o estatuto moral das ações? (Duas perspectivas éticas)

Deontologia



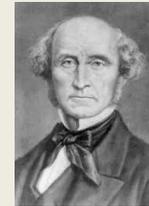
Intenções



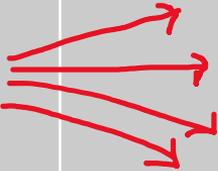
Utilitarismo

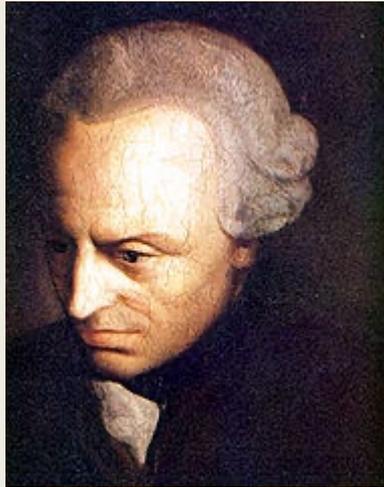


consequências



Principais perspectivas – ética normativa

Pessoa	Motivo	Ação	Consequências
			
<p>Foco na pessoa</p>	<p>Foco nos motivos conforme determinadas regras</p>	<p>Foco nas ações conforme algumas regras</p>	<p>Foco nas consequências da ação</p>
<p>Teoria das virtudes</p>	<p>Teorias deontológicas</p>		<p>Teorias consequencialistas</p>
<p>Papéis</p>	<p>Regras</p>		<p>Metas</p>
<p>Prioriza o que é virtuoso</p>	<p>Prioriza o que é correto</p>		<p>Prioriza o que é melhor</p>
<p>Centrada no agente</p>	<p>Centradas na ação</p>		



**Immanuel Kant (1724-
1804)**

**Qual é o princípio supremo
da moralidade?**

Ou

**Como distinguir uma ação
moralmente correta de
uma moralmente
incorreta?**

Immanuel Kant, na Fundamentação da Metafísica dos Costumes, levanta duas questões principais:

- 1) Qual é o princípio supremo da moralidade?**
- 2) Como é a liberdade possível?**

Para responder a estas duas questões, Kant vai pensar com alguns contrastes, dualismos.



Oposições / Contrastes entre:

	Quanto à:	Contraste entre:
1	Moralidade	Dever VS Inclinação
2	Liberdade	Autonomia VS Heteronomia
3	Razão	Imperativo Categórico VS Imperativo Hipotético

1) Moralidade (Intenção/Motivo)

- Para Kant a ação moral respeita apenas o dever.
- Apenas agir por dever confere valor moral à ação.
- Kant pensa que a ação correta está acima das nossas inclinações ou interesses privados.
- Para uma ação ter valor moral tem de ser orientada pelo dever e não pela inclinação.
- Ex. Devemos ser justos por dever e não para ganhar os aplausos dos outros.

2) Liberdade (determinação da vontade)

Autonomia VS heteronomia

- Pensa Kant que sou livre na minha acção quando ela é autónoma e não determinada, quando é incondicionada. Sou livre segundo a lei moral que imponho a mim mesmo e não segundo leis externas.
 - Agimos não segundo uma lei imposta, mas segundo uma lei que impomos a nós mesmos.
 - ❖ De onde vem essa lei que impomos a nós mesmos?
- R: da RAZÃO – que determina a minha acção.

Se a razão determina a ação, então a ação é independente das inclinações ou circunstâncias.

Como é que a razão pode determinar a acção?

R: de 2 maneiras. Há 2 comandos da razão, os imperativos

3) Razão (Imperativos)

Um imperativo é uma obrigação.

Imperativo Hipotético vs Imperativo Categórico

Hipotético:

A ação moral é governada pelo imperativo categórico. O imperativo hipotético usa a razão instrumental, “*se queres X, faz y*”; é o raciocínio que usa meios para chegar a um fim:

“se quer ter uma boa reputação no negócio, então não dê o troco errado aos clientes, pois pode espalhar a sua má fama.”

Categórico:

Ação de acordo com a razão e não com inclinações. Funciona de forma categórica, sem dependência de qualquer outro propósito.

IMPERATIVO HIPOTÉTICO	IMPERATIVO CATEGÓRICO
Faz A, se queres B.	Faz A!
<i>Cumpre as tuas promessas se queres ser bem visto</i>	<i>Cumpre as tuas promessas!</i>
Condicionado (se...)	Incondicionado
O que ordena é um meio para algo	O que ordena é um fim em si.
A vontade é heterónoma (determinada por algo que lhe é exterior)	A vontade é autónoma (determinada por um princípio que dá a si mesma)
Não depende exclusivamente da razão	Depende exclusivamente da razão

Conexão entre os 3 contrastes

Ser livre no sentido de autónomo exige que eu aja não pelo imperativo hipotético, mas pelo imperativo categórico.

É através destes 3 contrastes que kant raciocina e nos leva à sua derivação do Imperativo Categórico.

Formulação do Imperativo Categórico

QUESTÃO: Mas o que é o imperativo categórico? Como é que ele se forma?

- **Qual é o princípio supremo da moralidade?**
- **O que ele (I. Categórico) exige de nós?**

O imperativo categórico tem duas fórmulas que vamos agora analisar:

1. Fórmula da lei universal
2. Fórmula da humanidade como um fim

Imperativo Categórico – Fórmula da Lei Universal

“age de tal forma que a máxima da tua acção se possa erguer como lei universal”

Mas o que é uma máxima? É um princípio.

O princípio da ação deve ser universal.

Por ex, se quero pedir dinheiro emprestado e sei que não vou devolver – Promessa Falsa. Será que isto está de acordo com o imperativo categórico?

Kant diz que NÃO. O teste para o saber é tentar universalizar a máxima com a qual estamos a querer agir.

TESTE DA UNIVERSALIDADE

Se todos fizerem falsas promessas quando pedirem dinheiro, então ninguém acreditaria nessas promessas. Não haveriam promessas, o que conduz a uma contradição: a máxima universalizada enfraquecer-se-ia a si mesma (a máxima seria “Não cumpras as tuas promessas”)

- É deste modo que podemos saber que a falsa promessa é moralmente errada. E este é o teste para sabermos se a máxima corresponde ao Imperativo Categórico.

- **Devemos testar e universalizar a nossa máxima para saber se agimos por dever. Agir Por Dever é não ver os outros como um meio da acção, mas como um fim.**
- **É esta a forma de testar se os meus interesses, desejos e inclinações são mais importantes que os de outra pessoa. Uma lei moral universal é para todos.**

2) Fórmula da Humanidade como um

Fim (2ª fórmula do Imperativo Categórico)

- Não podemos basear o imperativo categórico nos interesses ou desejos particulares pois ele seria nesse caso relativo à pessoa à qual pertencem esses fins.
- - E o que é que podemos considerar como tendo um fim em si mesmo? A humanidade e a racionalidade .
- - Seres racionais possuem dignidade e merecem respeito moral. Os seres humanos não são para usar (como quando fazemos falsas promessas)

Objecções à Teoria de Kant

- **Kant diz-nos que existem certos deveres que são absolutos, como o de nunca quebrar promessas ou o de nunca matar ninguém intencionalmente. Mas, por exemplo, imaginemos que estamos em casa com um amigo e um homem armado bate à porta dizendo que quer matar o nosso amigo e nos pergunta onde ele está. Segundo Kant, nunca devemos mentir (é um dever absoluto), quando muito podemos abster-nos de dizer a verdade. Mas se agíssemos assim e acontecesse algo ao nosso amigo decerto que nos sentiríamos culpados mesmo que Kant diga que a responsabilidade não era nossa.**

- **Outro exemplo é o de que os deveres absolutos conduzem a conflitos entre deveres. Quando nos encontramos perante dois deveres absolutos e não sabemos qual deles devemos escolher, qualquer opção que tomemos, segundo a ética Kantiana, está errada, pois estaremos sempre a infringir um deles.**



Aristides de Sousa Mendes



Madre Teresa de Calcutá

- **A fórmula do fim em si diz-nos que devemos respeitar as pessoas como fins em si mesmos. Mas se as pessoas forem consideradas seres racionais e se a ética Kantiana for considerada verdadeira, os bebés recém-nascidos, os deficientes mentais profundos ou os animais irracionais deixam de poder ter o respeito que merecem. Mas é lógico que sabemos que também temos deveres morais para com os bebés, os deficientes mentais ou os animais irracionais.**

- Outra objecção é de que a ética kantiana não conduz sempre a valores absolutos. É verdade que a máxima "*Faz promessas com a intenção de não as cumprires!*" é claramente não universalizável, pois assim a prática de fazer promessas desapareceria. Mas se a tornássemos mais específica com "*Faz promessas com a intenção de não as cumprires sempre que isso seja necessário para salvar a vida de uma pessoa!*" já é universalizável, pois não abalaria a prática de fazer promessas ao ponto de a destruir.
- Ou seja, em determinadas situações até aceitamos que é correto fazer promessas com a intenção de não as cumprir.

Objecções – em conclusão

1ª Objeção	2ª Objeção	3ª Objeção
<p>A ética kantiana conduz a conflitos entre deveres absolutos.</p>	<p>A fórmula da humanidade como um fim em si mesma não funciona nos casos de bebés recém nascidos , animais e pessoas com deficiências profundas.</p>	<p>A ética kantiana nem sempre conduz a valores absolutos.</p>

Perante estas objeções à teoria podemos defender que não existe nem existirá um código preto no branco para todos. Cada um fica com a sua perspetiva baseada nas suas crenças do que é certo e errado.



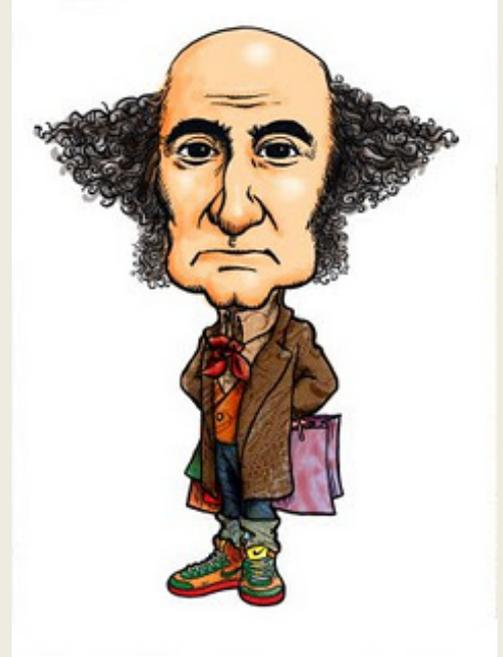
Ceticismo Moral

- Conformismo
- Impede o progresso
- Inviabiliza qualquer discussão racional sobre moralidade.
- Torna possível tolerar ideias e práticas intolerantes

Por isso mesmo outros filósofos procuram os fundamentos morais avaliando outras propriedades com estatuto moral nas nossas considerações acerca do certo e do errado.

Utilitarismo

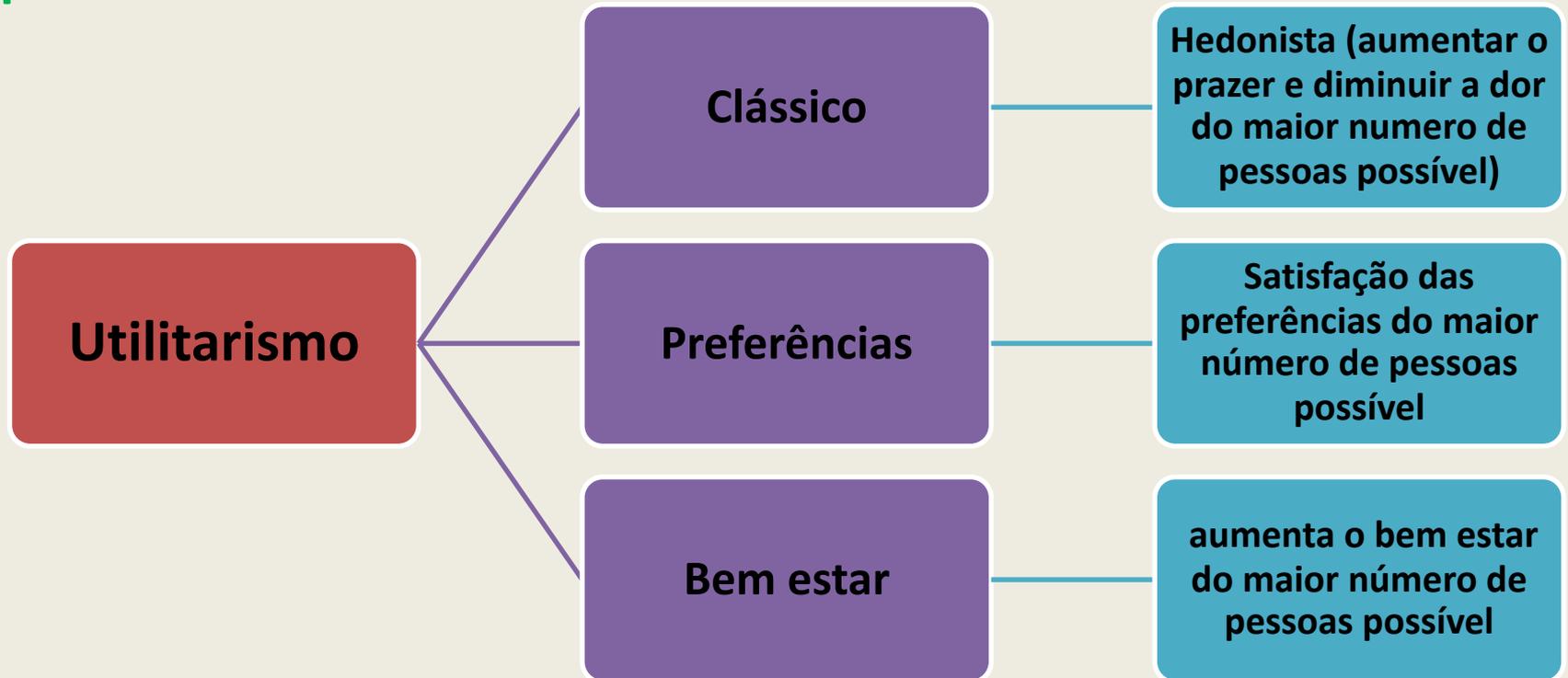
John Stuart Mill



“Os consequencialistas dizem que é desejável fazer o que tem as melhores consequências. Mas quais são as melhores consequências? Os utilitaristas dizem que o ato moralmente correto é aquele que tem a consequência de produzir mais "utilidade". Somente os atos que beneficiam ou prejudicam alguém podem estar certos ou errados.”

Julian Baggini, *Philosophy: key themes*, 2002 (Trad. Minha)

A próxima pergunta óbvia é: de que maneira as nossas ações devem ser úteis para que sejam boas? Em outras palavras, o que é utilidade?



Felicidade e imparcialidade

- Para os utilitaristas a felicidade é que motiva as boas ações e é o bem último
 - Trata-se da felicidade de todas as pessoas (imparcialidade)



Diz Mill

“O credo que aceita a utilidade, ou o Princípio da Maior Felicidade, como fundamento da moralidade, defende que as ações estão certas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas na medida em que tendem a produzir o reverso da felicidade.”

Utilitarismo

Mas esta visão do prazer e felicidade



Parece bastante restrita



Pois senão como avaliar ações de auto-sacrifício para salvar pessoas ou dar a vida pelos outros? (dado que isso parece não acarretar muito prazer)



Se em causa estiver somente o prazer quantitativo então mais vale aproveitar a vida, sem qualquer compromisso com os outros



Por isso Mill teve a necessidade de considerar que há uma distinção moral entre prazeres superiores e inferiores

Porque é que a felicidade é o bem último?

Mill considera que a felicidade é o que as pessoas mais desejam para as suas vidas.

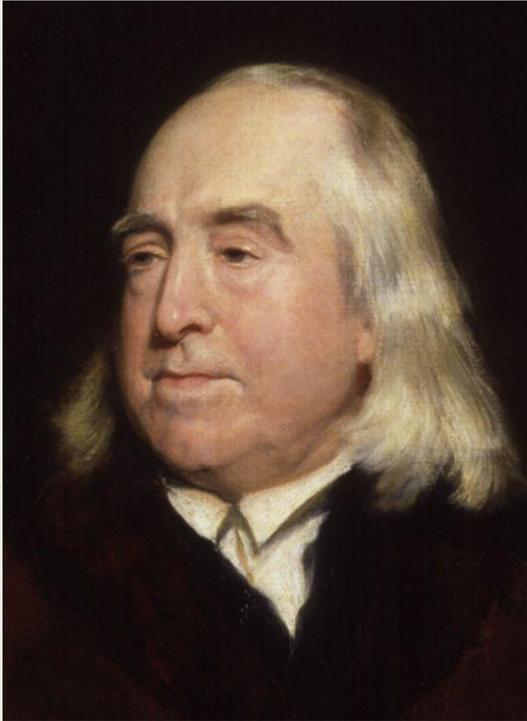
Se a única prova que temos de que algo é visível por alguém é ser visto e se a única prova que temos de que algo é audível é ser de facto ouvido, segue-se que a única prova que temos de algo ser desejável, é o facto de ser desejado.

Logo, a felicidade é o que as pessoas mais desejam.

Hedonismo

- Hedonismo significa prazer
- Então, para os utilitaristas, a felicidade consiste no aumento do prazer e diminuição de dor
- Uma boa ação é sempre aquela que aumenta o prazer e diminui a dor e sofrimento

Primeira versão do utilitarismo



Jeremy Bentham Século XVIII

Foi o primeiro a considerar que as nossas vidas são grandemente orientadas por dois critérios:

Prazer e Dor.



Portanto também a nossa moralidade deve seguir esses critérios.



Então, devemos promover ações que maximizem o prazer e diminuam a **dor** ou **sofrimento**.

*O maior bem para o
maior número de pessoas*

O problema é que o critério de Bentham se baseia apenas na quantidade que se resume na **intensidade e duração** dos prazeres.

Será a quantidade dos prazeres o que está em causa?

Bentham tinha uma conceção quantitativa dos prazeres: uma boa ação é aquela que aumenta a quantidade de prazer

Mas Mill propõe uma conceção qualitativa dos prazeres. Se fosse apenas a quantidade que estivesse em causa, então mais valeria ser uma ameba que tivesse uma vida longa mas apenas de prazer inconsciente, do que um ser humano com prazeres e sofrimento.

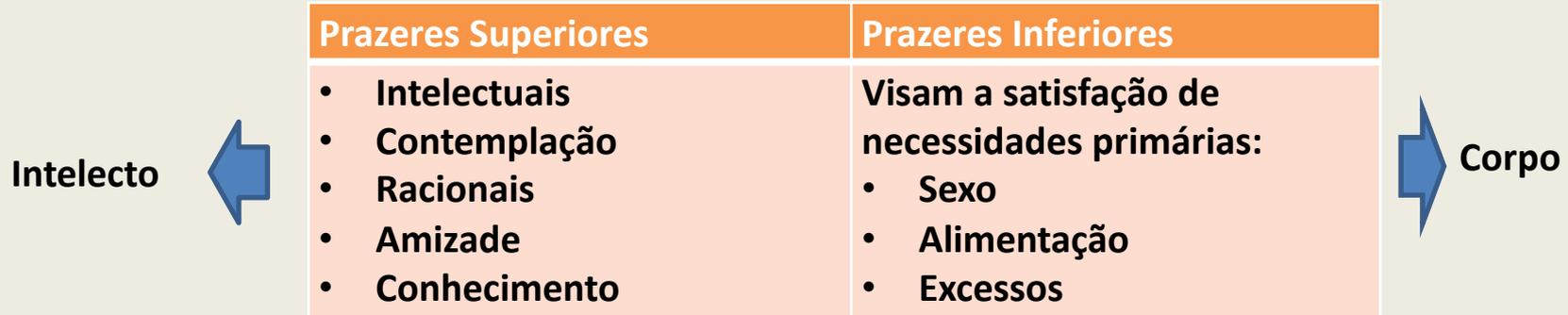


Este é o tipo de prazer quantitativo que Mill não considera na sua teoria

Prazeres superiores e inferiores

Mill distingue **prazeres superiores** dos **inferiores** e somente os superiores nos tornam mais felizes

Os prazeres superiores são qualitativamente melhores porque intrinsecamente mais ricos



A felicidade consiste pois no aumento de prazeres superiores

Diz Mill

É melhor ser um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito; é melhor ser Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito. E se o tolo ou o porco têm uma opinião diferente é porque só conhecem o seu próprio lado da questão. A outra parte da comparação conhece ambos os lados.



Mas se estivesse em causa apenas a quantidade de prazeres, então mais valia ser um porco satisfeito.

Ainda assim parece que a teoria do utilitarismo hedonista nos deixa inquietos com a questão de que mais vale ser um poeta à fome do que um porco satisfeito



Por isso talvez valesse a pena distinguir o utilitarismo hedonista do das preferências pois parece querer resolver este problema.

*Vamos analisar dois casos
para compreender a
imparcialidade necessária ao
utilitarismo*

Caso Um



NOTÍCIA DE 2018

UNICEF alerta: cerca de 400 mil crianças em risco de morrer de fome

Num relatório, a UNICEF assinala que 3,8 milhões de pessoas, incluindo 2,3 milhões de crianças, necessitam de ajuda humanitária no Kasai



Não Perca

PAIS

Caso Dois

O caso da criança a afogar-se



Consequencialismo

As consequências é tudo o que conta para a avaliação moral das ações e não os motivos ou princípios.

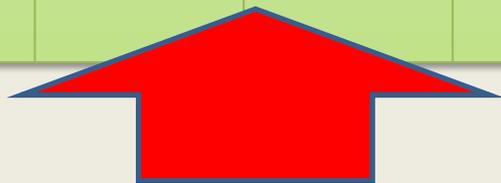


Felicidade geral agregada

Para o utilitarismo aquilo que conta é o maior bem estar agregado – maior soma de bem estar, uma vez subtraída toda a dor ao total do bem estar.

FELICIDADE AGREGADA

OPÇÕES	FELICIDADE				TOTAL
OPÇÃO 1	6	9	5	4	24
OPÇÃO 2	3	3	3	3	12
OPÇÃO 3	7	7	2	3	18



Pessoas mais felizes

Conclusões

- O mais relevante para avaliar o valor moral das nossas ações não são as intenções, mas as consequências.
- Entre todas as opções disponíveis, a melhor escolha é aquela que produzir mais felicidade geral (agregada)

Voltando ao critério de boa ação do utilitarismo:

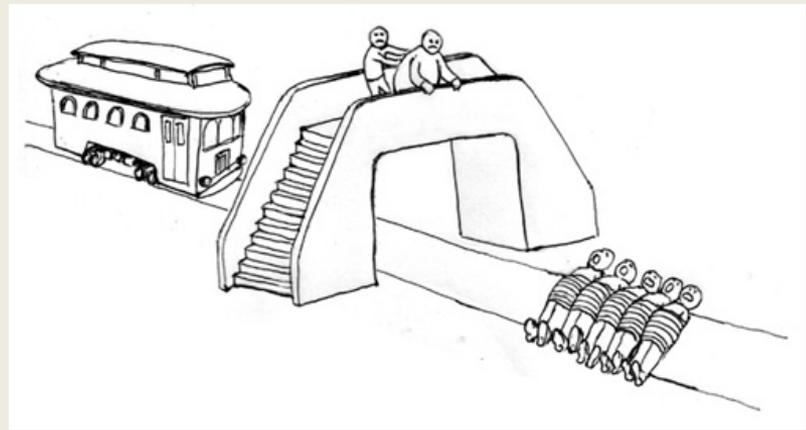
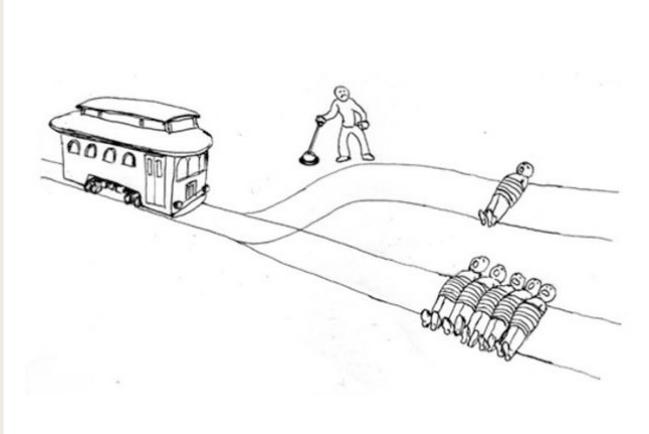
- Uma ação é moralmente correta se, e só se, tendo em conta todas as alternativas, for aquela que mais felicidade trazer a um maior número de pessoas.
- Chama-se a esta **teoria de “maximização da felicidade”**

As consequências da ação (em resumo)

- O utilitarismo é uma teoria que avalia uma ação segundo as suas consequências e por isso se chama de **consequencialismo**.
- Uma ação tende a ser correta se produzir as melhores consequências
- As melhores consequências é o aumento da felicidade (prazer) para o maior número possível de pessoas
- Assim, uma ação não é boa ou má em si, já que ser boa não depende do seu princípio, mas do seu resultado. Ela é boa ou má dependendo dos **resultados que produzir**.

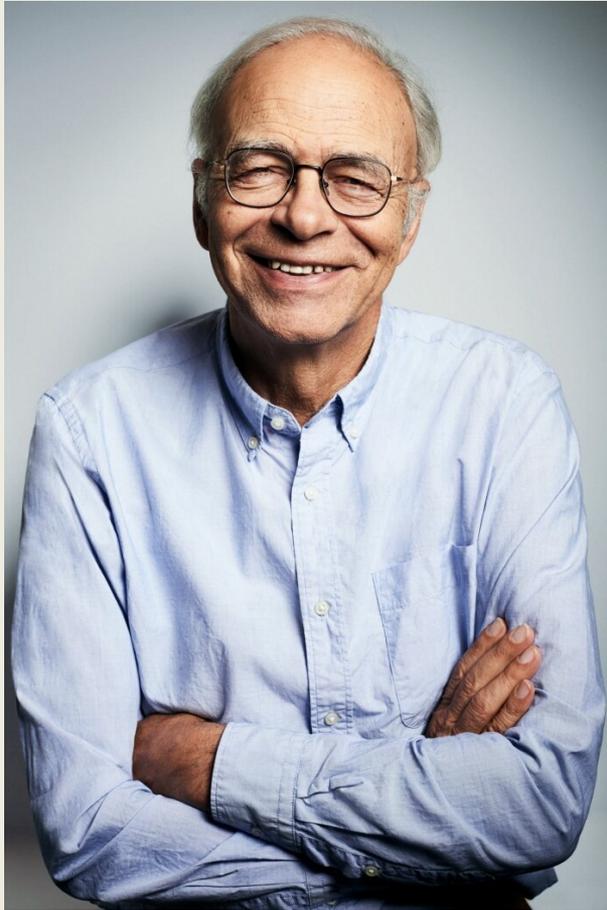
Dilema do Trólei – aplicando a teoria

No dilema do trólei um utilitarista não hesita em defender que a ação correta é desviar o trólei mantando uma pessoa e poupando a vida a um maior número de pessoas.



APLICANDO A TEORIA

**O que deve fazer um utilitarista
perante a pobreza?**



Filósofo Australiano
com estudos avançados
na área da ética
aplicada

Peter Singer

P1. O Sofrimento e a morte por falta de alimento, abrigo e cuidados médicos são maus.

P2. Se está em seu poder impedir que algo mau aconteça, sem sacrificar nada de importância semelhante, é errado não o fazer.

P3. Ao contribuir para organizações humanitárias pode prevenir o sofrimento e a morte por falta de alimento, abrigo e cuidados médicos, sem sacrificar nada de importância semelhante.

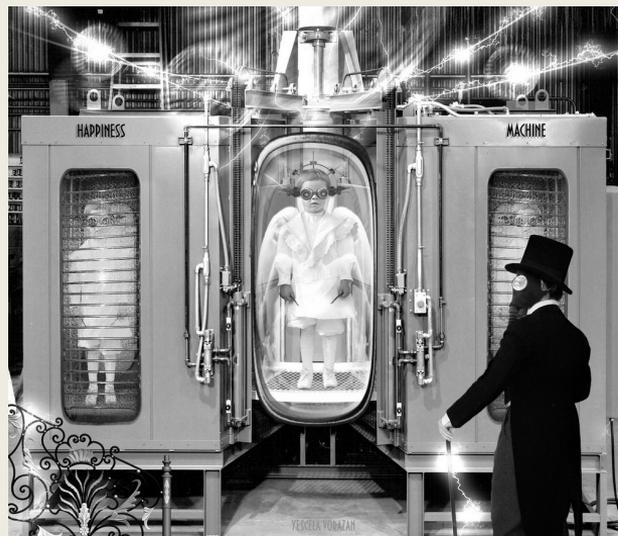
C. Se não fizer donativos a organizações humanitárias esta a fazer algo errado.

**Provavelmente não existem teorias perfeitas.
Mas existem teorias com argumentos mais
plausíveis e outras com argumentos menos
plausíveis. Será que os argumentos utilitaristas
nos convencem de que o valor moral de uma
ação reside nas suas consequências?**

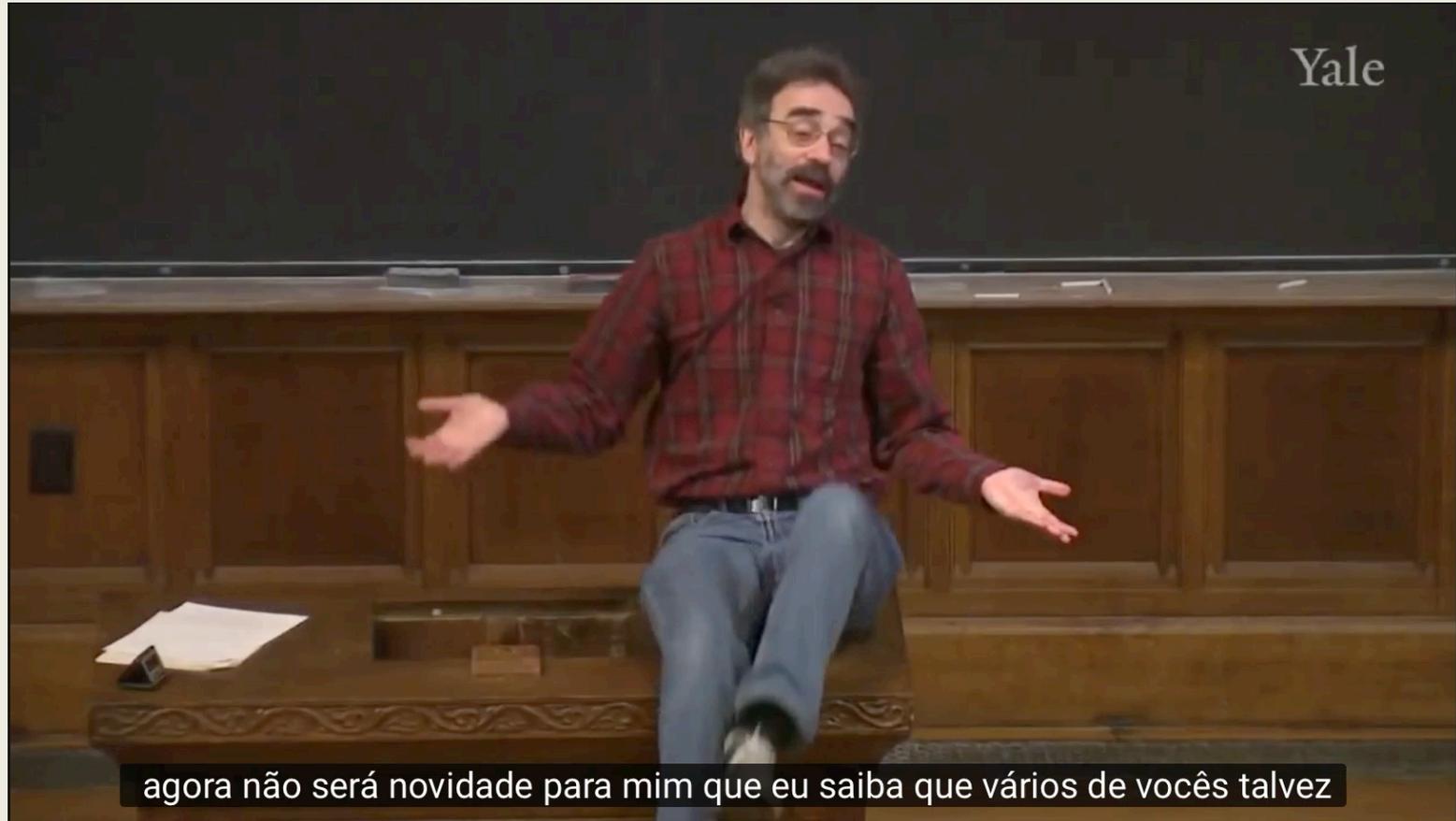
Objecção de Robert Nozick ao prazer como critério para distinguir boas de más ações:

- O utilitarismo hedonista não distingue entre uma vida real e uma vida ilusória:

Máquina de experiências agradáveis.



Explicado por Shelly Kagan



agora não será novidade para mim que eu saiba que vários de vocês talvez

Objeção das Conclusões repugnantes

A maximização da felicidade parece ser um critério com falhas.
Segundo o critério:

Se tivermos 5 pessoas doentes, e 4 precisarem de órgãos para sobreviver temos o dever de matar uma para transplantar os seus órgãos e salvar 4.

**Contudo, não parece correto fazer tal coisa
Logo, a teoria utilitarista parece estar errada.**

Outra objeção, a da maximização excessiva

- Segundo um utilitarista temos o dever de promover a maior felicidade para o maior número de pessoas.
- Ora, nesse caso, parece que quando compramos uns sapatos novos estamos a fazer algo de errado pois com esse dinheiro poderíamos matar a fome a crianças de países pobres sem prejuízo para nós.
- Mas, por muito louvável que pareça a ação de salvar crianças, não se percebe muito bem em que sentido comprar uns sapatos novos seja moralmente errado. Isto soa implausível.

Comparando teorias

Questões	STUART MILL	KANT
De que depende o valor moral das ações?	Princípio da utilidade ou da maior felicidade	Da intenção boa do agente. Respeito pela lei moral e cumprimento do dever.
Como se formula o princípio da moralidade?	Princípio da maior felicidade e o menor grau de infelicidade para a maioria das pessoas	Através de uma ordem cuja expressão é o imperativo categórico: <i>“Age sempre de tal maneira que a máxima da tua ação se torne sempre lei universal”</i> – é um princípio moral absoluto que não tolera exceções.
Como devo agir?	Com imparcialidade e altruísmo, sem depender do individualismo ou circunstâncias promovendo a felicidade do maior número de pessoas	Por dever respeitando a lei moral (humana e racional) e nunca conforme ao dever nem contra o dever.
Haverá casos absolutos a respeitar em todas as circunstâncias? Porquê?	Não porque o utilitarismo é o único critério para distinguir o bem do mal	Sim. Existem normas morais absolutas e incondicionais que têm de ser respeitadas qualquer que sejam as consequências.
Qual a finalidade última das ações?	A felicidade ou o único aspeto desejável em si mesmo, tudo o mais é apenas um meio para alcançar.	No princípio da vontade pois à ação não interessam os fins a atingir mas o querer racional e formal – agir por dever.
Será a felicidade pessoal importante?	Não. A felicidade que conta é a da maioria das pessoas afetadas pela ação.	Não. A felicidade é um ideal da imaginação e não da razão.
Como caracterizar as éticas dos filósofos?	Consequencialista, hedonista, teleológica, utilitarista, de resultado.	Deontológica, formal, racional, da intenção e do dever.
Exemplo: roubar um alimento para salvar a vida de alguém	A finalidade justifica os meios e podem ser desrespeitadas certas regras morais.	Nunca

Exercício

Vamos imaginar que tens de passar o ano e tens de tirar uma nota positiva no último teste de filosofia. Vamos ainda supor que não estudaste para o teste. Se não transitares de ano, os teus pais vão perder muito dinheiro que investiram em ti e vais ter de trabalhar para os ajudar. Mas se transitares vais para a Universidade e vais conseguir um trabalho melhor no final e ajudas a tua família toda. O que é correto fazer? Copiar ou não copiar? Porquê?

Mais casos morais

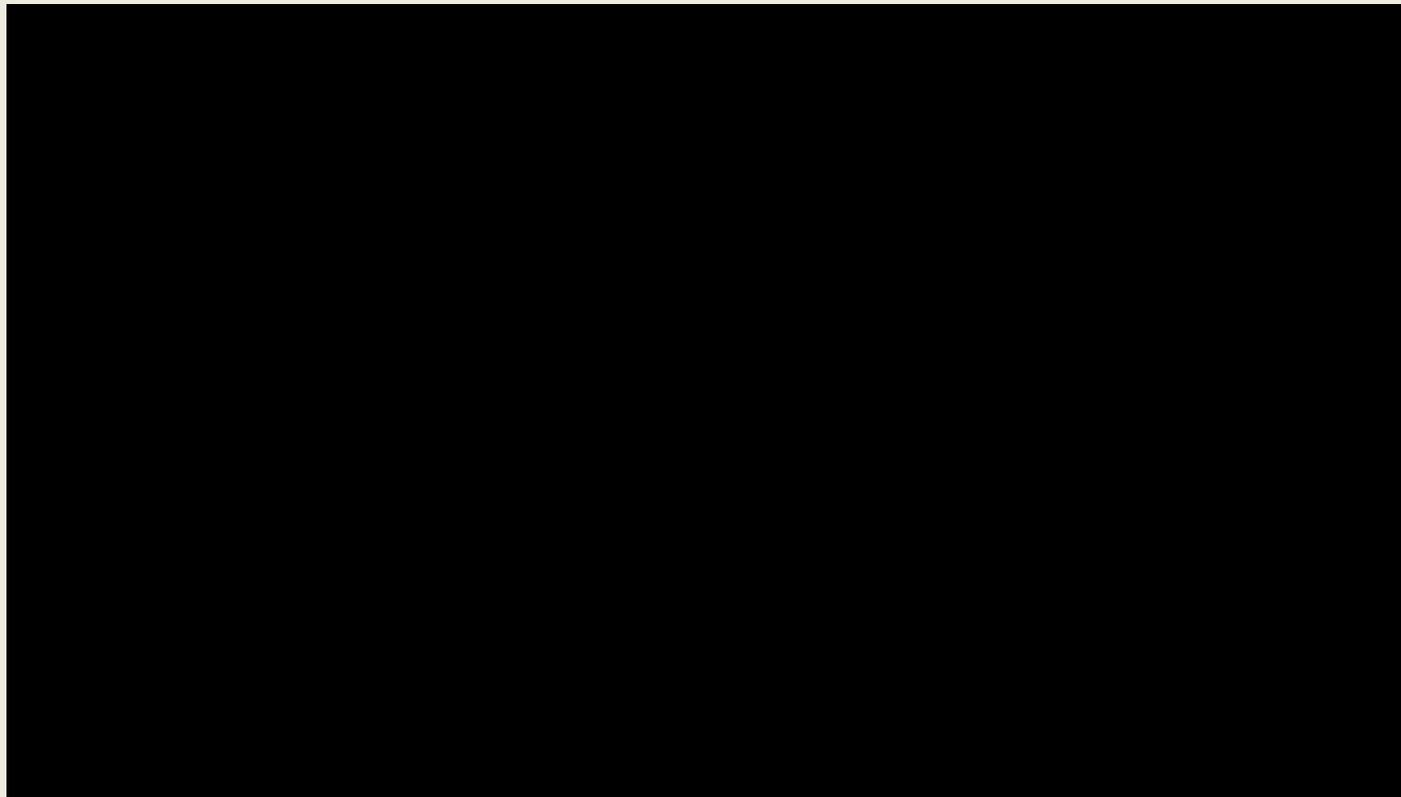
O caso do bote salva vidas

4 marinheiros após um naufrágio em alto mar vagueiam num pequeno bote à espera de um possível resgate. Tinham apenas 2 latas de conservas. Um deles estava meio adoentado por ter bebido alguma água do mar. Os outros 3 decidem o que fazer para se alimentarem. 2 decidem que era melhor matar o que estava doente e comê-lo. O terceiro opôs-se. Comeram-no. Volvidos uns dias foram resgatados. Foram condenados em tribunal por homicídio.



O caso Dudley Stephens

O caso do capitão de guerra – O grande herói



Durante a guerra no Afeganistão, uma equipa de elite das forças especiais, SEAL, liderada por Marcus Luttrell, tem a missão de capturar o líder talibã Ahmad Shah. Na operação secreta são “apanhados” por um idoso e duas crianças. As ordens são para os matar, pois eles poderiam denunciar a operação e colocar em risco toda a equipa. **Deve o líder matar as crianças e arriscar a vida dos seus homens? O que é correto fazer?**

Questões do exame nacional

3. Imagine que o Luís precisa urgentemente de medicamentos e que a única maneira de os conseguir é pedir dinheiro emprestado a um amigo rico, sem ter a intenção de lho pagar. Neste caso, o Luís decidiu adotar a máxima «faz promessas enganadoras quando não há outra forma de resolver os teus problemas pessoais».

Esta máxima pode ser usada para fazer uma crítica à ética kantiana, dado ser razoável argumentar que a máxima

(A) não é imoral, ainda que não seja racional querer universalizá-la. 

(B) é imoral, ainda que venha a ter aprovação dos agentes envolvidos.

(C) não é imoral, embora seja um imperativo categórico condicional.

(D) é imoral, embora dê prioridade às consequências da ação.

4. De acordo com Mill,

(A) os prazeres físicos e sensuais nem sempre são inferiores.

(B) apenas os animais têm prazeres inferiores.

(C) devemos renunciar aos prazeres inferiores para não nos rebaixarmos à condição animal.

(D) são superiores os prazeres preferidos por quem tem competência para os apreciar. 

Pergunta

1. Considere o caso seguinte.

O José é um bom aluno, mas sente-se inseguro quando tem de utilizar fórmulas memorizadas. Ao ser informado de que o enunciado do teste final de Física não iria incluir uma lista com as fórmulas, decidiu levar uma pequena cábula com as fórmulas mais complexas, para o caso de se esquecer de alguma.

Ainda assim, o José acabou por não usar a cábula, errando algumas fórmulas, pois teve receio de ser apanhado a copiar.

Será que, de acordo com Kant, a decisão do José tem valor moral? Justifique a sua resposta.

Resposta

1. 16 pontos

A resposta integra os aspetos seguintes, ou outros igualmente relevantes.

Indicação de que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral:

– de acordo com Kant, a decisão do José não tem valor moral.

Justificação:

– ao levar a cábula para o teste final de Física, o José violou o dever de não levar cábulas para testes (OU o dever de não tentar obter vantagens indevidas) OU o José agiu contra o dever;

– é certo que o José acabou por não usar a cábula que levou para o teste; contudo, não foi o dever (de não usar cábulas nos testes OU de não tentar obter vantagens indevidas) que o motivou, mas o receio de ser apanhado a copiar OU contudo, tendo sido motivado pelo receio (uma inclinação resultante do amor de si), o José agiu em conformidade com o dever, e não por dever.

Níveis	Descritores de desempenho	Pontuação
4	Indica corretamente que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral. Justifica, de modo completo e preciso, que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral (ver nota).	16
3	Indica corretamente que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral. Justifica, de modo completo, mas com imprecisões OU de modo preciso, mas não completo, que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral (ver nota).	12
2	Indica corretamente que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral. Justifica, parcialmente e com imprecisões, que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral (ver nota).	8
1	Indica corretamente que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral. Não justifica que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral, ou apresenta conteúdos que, embora corretos, não constituem uma justificação do facto de, de acordo com Kant, a decisão não ter valor moral. OU Não indica que, de acordo com Kant, a decisão não tem valor moral, ou indica, incorretamente, que, de acordo com Kant, a decisão tem valor moral. Apresenta corretamente conteúdos relevantes para a justificação solicitada (por exemplo, distingue agir por dever de agir em conformidade com o dever, ou refere que agir motivado por sentimentos não é agir por dever, ou refere que agir por dever é agir querendo cumprir o imperativo categórico), procurando aplicá-los ao caso em análise.	4

Nota – Caso apenas seja abordada a decisão de levar a cábula para o teste ou apenas seja abordada a ausência de uso da cábula, a resposta não será desvalorizada.

Pergunta

2. Atente na tese seguinte.

«Nenhum dever admite exceções.»

Concorda com esta tese? Justifique a sua posição.

Na sua resposta,

- apresente inequivocamente a sua posição;
- argumente a favor da sua posição.

Resposta

2. 16 pontos

A resposta integra os aspetos seguintes, ou outros igualmente relevantes.

Apresentação inequívoca da posição defendida.

Justificação da posição defendida.

Nota – Os aspetos constantes nos cenários de resposta apresentados são apenas ilustrativos, não esgotando o espectro de respostas adequadas possíveis.

No caso de o examinando considerar que nenhum dever admite exceções:

- os deveres são universais, e seria incoerente afirmar que temos deveres e, ao mesmo tempo, admitir que podemos violá-los;
- por serem universais, os deveres são expressos em princípios universalizáveis;
- admitir exceções a princípios universalizáveis implicaria aceitar princípios não universalizáveis, isto é, princípios que se anulariam a si mesmos se tentássemos universalizá-los (por exemplo, universalizar os princípios de que devemos mentir ou de que devemos romper contratos levaria a que mentir ou romper contratos fosse impossível);

No caso de o examinando considerar que há deveres que admitem exceções:

- seria errado admitir à partida que em nenhuma circunstância se justificariam exceções a certos deveres;
- é possível conceber circunstâncias excepcionais em que a violação de certos deveres teria consequências valiosas para a maioria das pessoas afetadas;
- a experiência tem confirmado que, nas circunstâncias habituais, os deveres de não mentir ou de não romper contratos, por exemplo, têm consequências valiosas para a maioria, mas isso não significa que o cumprimento desses deveres seja independente das consequências da sua adoção nas diferentes circunstâncias;

No caso de o examinando considerar que todos os deveres admitem exceções:

- há circunstâncias que, dada a sua natureza excepcional, tornam problemático o cumprimento de deveres tidos como corretos nas circunstâncias habituais, havendo a necessidade de ponderar a violação de certos deveres;
- a experiência mostra que, em circunstâncias excepcionais, pode haver justificação para que se viole deveres amplamente aceites;
- se mesmo deveres tão importantes como o dever de não matar ou o dever de não romper contratos podem ser justificadamente violados, é razoável inferir que todos os deveres admitem exceções.

Níveis	Descritores de desempenho	Pontuação
4	Apresenta a posição defendida. Justifica, de modo completo e preciso, a posição defendida.	16
3	Apresenta a posição defendida. Justifica, de modo completo, mas com imprecisões OU de modo preciso, mas não completo, a posição defendida.	12
2	Apresenta a posição defendida. Justifica, parcialmente e com imprecisões, a posição defendida.	8
1	Não apresenta a posição defendida. Apresenta corretamente conteúdos relevantes para a justificação solicitada (por exemplo, refere que, para Kant, os deveres são universais, ou refere que, para Mill, os deveres dependem das consequências das ações).	4

Onde reside o valor moral de uma ação?

Kant

- Intenções

Mill

- Nas consequências

O que me valor intrínseco

Kant

- A boa vontade

Mill

- A felicidade

Críticas a Kant:

- Conflitos entre deveres
- Imperativo categórico não funciona em todos os casos
- Os princípios nem sempre conduzem a valores absolutos

Críticas a Mill:

- Nem sempre o prazer é o melhor critério.
- Conclusões repugnantes
- Demasiado exigente.